

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de S. Paulo (2º livro)* Class.: 36

Data: 18.07.76

Pg.: 26

## Agressão não afeta demarcação de Merure

OSCAR RAMOS GASPAR  
Enviado especial

Apesar do ataque praticado por 62 posseiros na quinta-feira contra a sede da missão salesiana, na aldeia bororó de Merure, na região Leste de Mato Grosso, durante o qual foram assassinados o padre Rodolfo Lunkenbein e o índio Simão, o trabalho de demarcação da reserva continuará normalmente. A decisão foi tomada ontem, momentos antes do sepultamento do corpo do missionário, na primeira reunião dos últimos doze meses entre o presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira, e a cúpula do Conselho Indigenista Missionário - Cimi - representada por seu presidente, o bispo dom Thomas Balduino.

Na manhã de hoje, o presidente da Funai deverá entrevistar-se com o secretário de Segurança de Mato Grosso, a quem pedirá reforços para a continuação do trabalho de demarcação. A opinião dos missionários é de que os próprios índios deveriam garantir essa con-

tinuidade, enquanto o general Ismarth acha que não se deve transformar os bororós em policiais, "principalmente devido ao momento psicológico que eles vivem."

Ontem o clima em Merure continuou tenso, com a chegada de reforços policiais — cinco soldados e um sargento — e de mais 18 índios xavantes, que vieram da reserva de Sangradouro. O corpo do padre Rodolfo deixou a capela da aldeia às 15 e 40, após a cerimônia de lamentação, que lhe foi prestada por um grupo de homens e mulheres, bororós, durante quarenta minutos. Antes, houve missa solene, concelebrada pelos bispos Thomas Balduino, de Goiás Velho, e Camilo Farezin, de Guiratinga, auxiliados por nove padres. Conduzido por índios e religiosos, por um trajeto de oitocentos metros e durante o qual só se bororós ouvia as lamentações dos rituais missionários foi sepultado ao lado do índio Simão, também assassinado pelos invasores de Merure e enterrado na noite anterior.

### Crime premeditado

Enquanto isso, passado o pânico do primeiro momento, as testemunhas do ataque fizeram ontem novas revelações sobre o fato, que comprovam a intenção dos posseiros em eliminar o padre Rodolfo. Ainda ontem, o padre Valter Bini, superior dos salesianos, indicou para ocupar interinamente a vaga deixada pelo missionário assassinado o padre Paulo Mohr, da reserva de Sangradouro.

Ao mesmo tempo, o presidente do Cimi, dom Thomas Balduino, declarava ao "Estado" que o ataque a Merure, "não é um fato isolado, mas uma sucessão de fatos em que índios e missionários vinham sofrendo ameaças e invasões", responsabilizando a Funai pelo "descaso e por ter subestimado coisa tão importante como a terra, que envolve questões profundas". O bispo lembrou ainda que "nem todos os que invadiram Merure quinta-feira eram grandes fazendeiros", acrescentando que havia entre eles "pequenos posseiros, alguns até amigos dos índios e que participaram das agressões iludidos por grandes fazendeiros, este sim, os cabeças".

A folha de papel, na qual o missionário Rodolfo Lunkenbein, momentos antes de ser assassinado, tomara o

nome dos 62 posseiros que se responsabilizaram pela suspensão arbitrária dos trabalhos demarcatórios da reserva de Merure, foi encontrada e entregue à polícia.

Enquanto apenas os peões Sebastião Gomes de Oliveira, Delfim Pereira da Silva, Cromildo Ribeiro e Lauro Vieira dos Santos eram detidos para averiguação, aumentou para 11 o número de presos, segundo a polícia.

Na noite de sexta-feira, espalhou-se o boato de que um grupo de xavantes e bororós atacariam a pequena cidade de General Carneiro, a 50 quilômetros da aldeia de Merure, e grande parte da população fugiu para o mato. Ainda na manhã de ontem o pequeno povoado estava parcialmente deserto.

As 11 horas da manhã de ontem o padre Mario Gosso, diretor da Missão em São Marcos, soube que os xavantes que haviam ficado na aldeia estavam com indumentárias guerreiras, percorrendo as matas da região, à procura de posseiros furtivos. Tomou um avião e imediatamente foi à reserva, voltando com a notícia de que os índios haviam prendido um débil mental — aliás muito amigo da aldeia —, julgando ser um dos jagunços furtivos.

### Reunião deixa dúvida

"Aqui sempre foi área indígena e quem comprou, embora possa ter título, comprou mal. Nós provaremos na Justiça que Merure é área indígena" dizia o presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira, depois de se reunir durante cerca de uma hora com os missionários. No final do encontro, a única dúvida era se os índios xavantes e bororós seriam utilizados como guardas para evitar eventuais ataques dos posseiros.

O general Ismarth dizia que "índio não deve ser transformado em policial principalmente no momento psicológico vivido pelos bororós, após o ataque dos brancos". A presença dos 40 xavantes em Merure, muitos dos quais armados com carabinas e sempre dispostos a vingar a agressão sofrida pelos bororós porém, foi bem vista pelo general, que concordou com a afirmação de que a "causa é comum".

Durante a reunião com os missionários, o general Ismarth de Oliveira ouviu dos padres Thomas de Aquino — vice-presidente do Cimi — e Egydio Schwad, que a demarcação da reserva xavante de São Marcos só foi rápida porque os próprios índios assumiram a condução dos trabalhos, defendendo os agrimensores e topógrafos. Ismarth respondeu que o melhor caminho seria a contratação dos bororós, pelas firmas que realizam a demarcação, como trabalhadores: "eles receberiam salários normais e prestariam serviço de guarda".

Alguns religiosos, entre-



Telefoto Solano José — O Estado

Os índios exigem que os invasores sejam presos

### Os xavantes dão ultimato à polícia

Os bororós trabalhariam bem apenas um dia — chegou a dizer, diante do espanto de todos os participantes da reunião, o padre Paulo Mohr, que acrescentou: "Depois se venderiam aos posseiros a troco de cachaça". Disse ainda que o próprio "capitão" Lourenço Rondon — ferido durante o ataque e internado num hospital de Cuiabá, após ser medicado em Barra do Garças — "fez péssimos negócios para seu povo, devido à cachaça".

Padre Mário Gosso, diretor da missão salesiana em São Marcos — 900 xavantes, aproximadamente — disse que aqueles índios estão revoltados com o ataque aos seus vizinhos e antigos rivais, os "Eles já disseram — declarou padre Mário — que qualquer branco diferente que aparecer por lá, falando grosso, será morto a golpes de borduna".

E padre Mário se fez porta-voz, ao presidente da Funai, de uma outra ameaça dos Xavantes de sua missão: caso a polícia não prenda logo todos os implicados no ataque, eles prometem fazer sua própria justiça.

O general Ismarth pediu então um voto de confiança em favor da Polícia Federal, lembrando que o próprio ministro da Justiça determinara que os fatos fossem apurados com o máximo de rapidez e rigor.

Quando pela manhã um grupo de xavantes e bororós, armados de carabinas, deixou a aldeia, o pânico foi geral. Logo depois, no entanto, se informava que eles iriam apenas buscar os instrumentos abandonados nas frentes de trabalho pelos topógrafos. E foi realmente o que aconteceu.

Concordando com a opinião do missionário Thomas de Aquino — vice-presidente do Cimi — de que o prazo de 24 horas para que os colonos deixassem as terras, após a demarcação, é muito exíguo e por isso provocaria protestos e até desespero, o general Ismarth declarou que já está estudando com o Incri a possibilidade de que os trabalhadores que ocupam terras indígenas sejam transferidos para áreas anteriormente habitadas por índios transferidos para o Parque Nacional do Xingu ou para outras reservas.